

# DOSSIÊ POETRY SLAM: PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO APRESENTAÇÃO

[POETRY SLAM: PRODUCTION, CIRCULATION AND RECEPTION]

## **DANIELA SILVA DE FREITAS<sup>i</sup>**

ORCID 0000-0002-2670-3244

Universidade Federal de Alfenas – Alfenas, MG, Brasil

## **MIRIANE PEREGRINO<sup>ii</sup>**

ORCID 0000-0002-4410-347X

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## **PAULO ROBERTO TONANI DO PATROCÍNIO<sup>iii</sup>**

ORCID 0000-0003-0436-2490

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

A história é bastante conhecida, mas isso não nos impede de narrá-la novamente: o termo Slam foi empregado pelo poeta norte-americano Marc Kelly Smith, na década de 1980, para conceitualizar um tipo de performance realizada em uma espécie de competição de poesias. Desde então, a poetry slam se espalhou por países de todo o mundo, se transformando em um importante dispositivo discursivo para sujeitos marginalizados e forma de subjetivação de identidades emergentes. A expansão do Slam pode ser facilmente explicada pela própria estrutura das performances, que se nutre da vasta tradição da literatura, da poesia, da oralidade e da palavra cantada em diversas culturas. No palco, na praça ou na tela, é o corpo que fala, a performance que prende e integra o público ao texto.

Se a expressiva fortuna crítica que se construiu sobre o Slam nos permite identificarmos o marco inicial do movimento no gesto realizado por Marc Smith ao organizar a primeira competição de Poetry Slam, é igualmente possível localizarmos o protagonismo da atriz e performer Roberta Estrela D’Alva como a responsável pela realização da primeira edição de um Poetry Slam no Brasil, organizado pela atriz junto ao Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, em São Paulo, no ano de 2008. E será no ano de 2012 que Emerson Alcalde e Vander Che organizam o Slam da Guilhermina, evento

que levará o Slam para as ruas de São Paulo e daí se espalhará para todo o Brasil. Outro importante marco nesta narrativa é a criação do primeiro Slam feminino e feminista, o Slam das Minas, no Distrito Federal, em 2015. Os eventos citados anteriormente são representativos sobre o processo de construção da cena do slam no Brasil e revelam que estamos diante de um fenômeno em franca expansão no país.

O slam não pode ser capturado em poucas palavras. Slam é linguagem. É uma poesia falada, mas que pode deslizar para a “letra de forma”. É improviso momentâneo e composição demorada. É tecnologia e inovação, tradição e ancestralidade. É voz, corpo, presença e performance, com ou sem mediações tecnológicas. Acontece ao vivo, na rua, na praça, na cidade, mas também pode se tornar livro, vídeo ou *live* nas redes sociais, sobretudo, no enfrentamento das restrições impostas pela pandemia. O Slam escapa da rigidez das categorizações literárias usuais, se espalha por diferentes suportes e se instala nos interstícios entre o oral, o escrito e o visual. Slam é fluxo, camada e ruptura. É poesia marginal. É a voz da periferia. É um coletivo de pessoas: produtores, poetas e público. É cultura jovem urbana. É cultura negra. É poder feminino. É o levante da voz. É o encontro da palavra com o corpo. É política, ágora e assembleia. É fala e escuta.

Os artigos deste dossiê acompanham de perto o percurso, a trajetória e repercussão de eventos, poetas e circuitos de slam, narrando e analisando momentos e lugares distintos. Ao se ocuparem da análise de saraus particulares, potencializando o caráter minoritário destes encontros, os trabalhos aqui reunidos oferecem uma definição mais acurada do fenômeno, sem incorrer na tentativa hercúlea de um esforço panorâmico e generalizador. O intuito do dossiê é reunir olhares sobre o slam no Brasil e em outros países, propondo um olhar prismático sobre a questão a partir de distintos recursos teóricos e metodológicos. As produções reunidas neste dossiê, o primeiro sobre o tema a ser organizado no Brasil, refletem essa multiplicidade. Devido ao expressivo número de trabalhos submetidos, fator que revela a importância do tema e sua presença nos estudos literários, dividimos os artigos recebidos em dois volumes. Este primeiro volume apresenta artigos e ensaios que debatem a história do slam no Brasil e em Angola, a relação entre slam e educação, a criação de performances em línguas de sinais e a condição do slam em tempos de isolamento social. O próximo volume, previsto para publicação em janeiro de 2023, reunirá artigos que tem como centro de discussão o

recorte de gênero, os slam das minas, manas e cumadis que ganham força em todo Brasil.

Abre o dossiê o artigo “Vozes em levante”, de Roberta Estrela D’Alva, atriz e performer pioneira do slam no Brasil. Conforme mencionado anteriormente, a autora é a organizadora do primeiro evento no país. Além disso, Roberta Estrela D’Alva atuou como curadora do primeiro evento internacional de slam no Brasil e é co-fundadora do Abya Yala, primeiro campeonato de slam das Américas. Estrela D’Alva também dirigiu o primeiro documentário sobre o assunto no país. Em seu ensaio, a autora toma como referência o processo de produção do documentário *SLAM: Voz de Levante* para o exame do entrelaçamento entre poesia oral, performance e voz em um texto que promove uma espécie de etnografia poética do circuito do Slam percorrido por D’Alva.

No artigo “Porque Guilhermina é esperança: O Slam e o protagonismo da juventude negra”, Carolina Nascimento Nascimento de Melo e Karina Almeida de Sousa analisam o slam enquanto uma prática cultural da diáspora africana e realizam uma atenta análise do Slam da Guilhermina, primeiro slam de rua do Brasil, enquanto artefato cultural que permite à juventude negra modos de apropriação e ressignificação da cultura.

Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama e Wilson Rogério Penteado Júnior, no artigo “Batalhas de poesia em Salvador-BA: Artivismos entre a voz e o papel”, examinam as batalhas de poesia na cidade de Salvador-Bahia enquanto espaços de resistência e mecanismo de subjetivação de identidades sociais minoritárias.

O artigo “O circuito cultural do SLAM MG: produção, circulação e recepção literária pelas margens da literatura mineira contemporânea”, assinado pelos pesquisadores Luiz Eduardo Rodrigues de Almeida Souza, Clara Carolina Oliveira da Costa, Thais Ramos Cavalcães e Flaviane Faria Carvalho investiga a história do SLAM MG, que nas palavras dos autores “possui um papel de articulação de diversas comunidades de slam em Minas Gerais, formando uma rede estadual dos movimentos culturais e artísticos de poesia urbana, marginal e periférica”. Além de narrar a formação do SLAM MG, o artigo também apresenta uma leitura sensorial da recepção estética da performance da poeta Iza Reis, à luz das contribuições teóricas de Paul Zumthor, Roberta Estrela D’Alva e Leda Maria Martins.

As batalhas de slam são analisadas enquanto espaço de educação não formal no artigo “Pode a rua ser escola? Slam como espaço não formal de ensino-aprendizagem”, assinado por Memei Bastos e Rafael Litvin Villas Bôas. Partindo da vivência da poeta-pesquisadora Meimei Bastos, o trabalho apresenta os conceitos de Maria da Glória Gohn e Paulo Freire, buscando identificar as batalhas de poesia falada, slam, como espaço não formal de ensino-aprendizagem.

Ao lado da expansão das batalhas de slam no Brasil vamos assistir também a incorporação de novas identidades e subjetividades, o exemplo mais marcante neste sentido são os slam em línguas de sinais ou as batalhas bilíngues. A experiência nasceu com o Grupo Corpo Sinalizante, responsável pelo Slam do Corpo, um slam bilíngue que reúne poetas surdos e ouvintes; e logo se expandiu pelo Brasil, resultando em novos saraus que reúnem poetas surdos que utilizam a Língua de Sinais Brasileira (Libras) enquanto suporte de sua performance poética. No dossiê dois artigos examinam questões relacionadas às performances de poetry slam em língua de sinais. O artigo “Reflexões sobre a identidade surda a partir da poesia Negrosurdo (Slam do Corpo)”, de Gerciane Maria da Costa Oliveira, Kyara Maria de Almeida Vieira e Denise Penha Viveiros, analisa como a poesia “Negro surdo”, do *Slammer* Edinho Santos, representante do grupo Slam do Corpo, promove um diálogo com as identidades surdas.

O segundo artigo sobre as performances de slam em língua de sinais é “Dois corpos, duas línguas e uma representação: notas sobre performances de slam poetry em línguas de sinais”, de Paulo Roberto Tonani do Patrocínio. Após discutir a emergência de uma definição de surdez a partir de um modelo socioantropológico, o autor analisa as representações da diferença surda em performances poéticas assinadas por poetas surdos e ouvintes e, principalmente, reflete sobre os aspectos teóricos relacionados à constituição destes novos sujeitos da enunciação e ao uso estético da língua de sinais para a produção de uma performance poética, além da dimensão política desta intervenção.

Em “Uma cartografia poética do slam: itinerâncias políticas entre corpo e palavra”, Camilla Martins de Oliveira e André Bocchetti estabelecem um percurso ensaístico que acompanha “as trajetórias de produção de força das palavras no slam” por meio das narrativas de quatro poetas. Tendo como ponto de partida o questionamento acerca do poder de intervenção da palavra no slam – como a palavra

ganha força de transformação ao ser enunciada? – os autores produzem uma cartografia poética que examina a relação entre corpo e palavra e a dimensão política desta intervenção.

Os artigos “Uma conversa entre slam e universidade em quatro movimentos de pouso: corazonar um território em composição de saberes”, de Renata Castro Gusmão e Maria Elly Herz Genro, e “Dos espaços físicos ao cyberspaço: o poetry slam em contexto pandêmico”, de Fabiana Oliveira de Souza e Mauren Pavão Przybylski da Hora Vidal, revelam a contemporaneidade do slam ao examinarem os impactos da pandemia de covid-19 no movimento e o modo como as restrições sanitárias e o isolamento social alteraram as dinâmicas das competições e dos eventos.

O artigo “O rap e o slam: vozes da resistência em contextos pós-coloniais”, de Miguel Lombas e Gustavo Henrique Rückert, promove um diálogo entre rap e slam ao analisarem a importância destes dois movimentos na articulação de vozes da resistência nos estados colonizados. As composições analisadas no artigo são de autoria do rapper angolano MCK e da slammer brasileira Patrícia Meira, e a leitura crítica produzida pelos autores apontam para uma poética coletiva no rap e no slam, que conecta sujeitos negros, pobres, periféricos, imigrantes, mulheres, LGBTQIA+, em sua experiência de opressão nos diferentes contextos pós-coloniais do mundo.

Fecha o nosso dossiê o artigo de Miriane Peregrino, “Do Artes ao Vivo ao Luanda Slam: marcos da poesia falada em Angola no século XXI”. No trabalho, a autora apresenta e discute a construção do espaço literário da poetry slam em Angola a partir de três eventos-chave: o Artes ao Vivo, iniciado em 2004 por Lukeny Bamba Fortunato, The Spoken Word Project realizado em 2013 pelo Goethe Institut em Luanda, e o Rio Poetry Slam de 2015, no qual Elisângela Rita participou como representante de Angola antes de criar o Luanda Slam no final daquele mesmo ano. Em sua análise, Miriane Peregrino discute a influência do Concerto Liberdade Já!, campanha pela libertação de presos políticos angolanos, enquanto exemplo do tom político de alguns poemas difundidos em 2015, ano de criação do primeiro campeonato angolano de poesia falada.

Também fazem parte deste dossiê, na seção 3ª Margem Cultural, a tradução “Eu canto o corpo autêntico: a poesia de slam e a política cultural de performar identidade” realizada pelas poetisas-pesquisadoras Midria e Luiza Romão. O texto traduzido é o capítulo três do livro *The Cultural Politics of Slam Poetry*, da norte-americana Susan B.

A. Somers-Willett. Midria e Luiza Romão enfatizam que trata-se de uma “obra precursora e referencial no campo de estudos de slams dado seu caráter histórico, como também autorreflexivo. A autora doutora em Literatura Americana pela Universidade do Texas em Austin é também integrante assídua do movimento de competições de poesias faladas no contexto estadunidense, durante os anos 1990 e 2000”.

Na mesma seção, Emerson Alcalde, poeta e fundador do Slam da Guilhermina (SP), compartilha conosco um capítulo do seu mais recente livro “Nos corre da poesia - autobiografia de um slammer” e o poeta mexicano Comikk MG, através de entrevista concedida a Gabriele Cavalcante, nos apresenta o “Abya Yala Poetry Slam: a Copa Slam das Américas” bem como aspectos do movimento slam na América Latina.

Fechamos esse primeiro número do dossiê “Poetry Slam: produção, circulação e recepção” com a participação de quatro poetas que destacamos dos movimentos de slam em países de língua portuguesas: Bel Neto (Angola), Luz Ribeiro (Brasil), Lorna Zita (Moçambique) e Li Alves (Portugal).

Acreditamos que os textos reunidos aqui abrem novas formas de interpretação do movimento de poetry slam e já estamos nos preparativos para a publicação da segunda parte desse dossiê. Desejamos a todas, todos e todes uma boa leitura!

---

<sup>i</sup> **Daniela Silva de Freitas** é professora de literaturas de língua inglesa na Universidade Federal de Alfenas. Sua pesquisa se volta para a literatura contemporânea, especialmente em contextos brasileiros e estadunidenses, com especial interesse pelos debates acerca de questões de nação, raça, gênero e suas interseccionalidades, e suas relações com transformações nas formas e práticas literárias. **E-mail:** danielasf@gmail.com

<sup>ii</sup> **Miriane Peregrino** é Jovem Pesquisadora Fluminense da FAPERJ com o projeto “A expansão dos campeonatos de poetry slam em países de língua portuguesa” e Professora visitante do PPGCL/UFRJ. Tem doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil) com período sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidade Agostinho Neto (UAN, Angola). Entre 2019 e 2021 realizou estágios de pesquisa no Romaniches Seminar da Universität Mannheim (UNI-Mannheim) e no Portugiesisch-Brasilianisches Institut da Universität zu Köln (Uni-Köln), ambos na Alemanha. **E-mail:** miriane.peregrino@gmail.com

<sup>iii</sup> **Paulo Roberto Tonani do Patrocínio** possui doutorado em Letras pela PUC-Rio. É Professor Adjunto do Departamento de Letras-Libras e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, ambos da Faculdade de Letras da UFRJ. É autor dos livros *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira* (7Letras/FAPERJ, 2013) e *Cidade de lobos: a representação de territórios marginais na obra de Rubens Figueiredo* (Ed. UFMG/FAPERJ, 2016) e também co-organizador dos livros de ensaios *Modos da margem, figuras da marginalidade na literatura brasileira* (Aeroplano, 2015), *Estudos culturais: legado e apropriações* (Pontes, 2017). **E-mail:** paulotonani@letras.ufrj.br